

HOMEM, ÁGUAS, FRONTEIRAS E PALAVRAS: José Eduardo Agualusa e a construção da identidade em trânsito

Man, waters, borders, and words: José Eduardo Agualusa and identity construction
in transit

Welligton Costa Borges¹

Artigo recebido em: 21/03/2020.

Artigo aceito em: 25/05/2020.

RESUMO

O texto que se segue busca analisar as possibilidades conferidas pela narrativa literária a partir de um escritor que aqui defendemos como um exemplo do que Stuart Hall chama de “indivíduo fragmentado”. Em primeiro lugar, lista-se a necessidade da discussão de identidade, envolvendo e partindo de um ponto central, a saber, a pessoa do angolano José Eduardo Agualusa, escritor de ampla circulação pelos países lusófonos e em uma gama extensa de países e línguas. O objetivo central é o de analisar o escritor enquanto sujeito, sobretudo como um sujeito múltiplo a partir de sua experiência de descentramento identitário, que é também territorial, transnacional. Trata-se de perceber como sua obra faz um movimento que é, de certa forma, um espelho convexo de sua própria experiência.

PALAVRAS-CHAVE: José Eduardo Agualusa; Identidade; Fragmentação; Fronteiras.

ABSTRACT

The text that follows the search analyzes how possibilities are given by the literary narrative from a writer who defends here as an example of what Stuart Hall calls "fragmented individual". First, the need to discuss identity is listed, involving and starting from a central point, namely, an Angolan person José Eduardo Agualusa, a writer with wide circulation in Portuguese-speaking countries and a wide range of countries and languages. The central objective is to analyze the writer as a subject, mainly as a multiple subject, based on his experience of identity decentralization, which is also territorial, transnational. It is about perceiving how his work makes a movement that is, in a way, a convex mirror of his own experience.

KEYWORDS: José Eduardo Agualusa; Identity; Fragmentation; Borders.

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal do Piauí. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2598716704761638> E-mail: welligtoncb@hotmail.com

1. Homem (introdução)

Nas efervescências de 1960, um homem nasce em Huambo, nos ares mais rarefeitos de Angola. Talvez o ponto mais perto do céu em que um angolano possa nascer. Nasce pardo, mulato, quase branco, quase preto. Carrega desde ali a genética do mundo. O pai de ascendência portuguesa e a mãe de proveniência brasileira, leva no sangue o mapa dos domínios portugueses de outrora. Seguindo sua paixão pelos abismos e pelo “algo mais” que só um itinerário louco pelo mundo pode oferecer, logo jovem parte para Lisboa, onde mora boa parte da vida. Estuda e pensa sobre a Angola que quer escapar-lhe por entre os dedos. Então, dá um jeito de não a deixar fugir: crava-a com a ponta afiada de sua caneta, no branco fosco do papel. Mais tarde, apaixonava-se pelo Brasil. Mora alguns anos nos paraísos de Olinda e do Rio de Janeiro. Depois vai, em um roteiro embriagado, morar em Goa, no coração da antiga dominação portuguesa oriental, passa alguns meses, escreve um livro e volta. Mas, para onde ele volta? Ele ainda tem uma casa? Vez por outra mora e enamora a Berlim da Alemanha e a Amsterdã de Holanda, cravadas ainda no mapa da velha Europa de bengalas. Sua volta definitiva talvez seja para a África, não sendo, no entanto, para Angola. Vai viver na Ilha de Moçambique próximo ao inseparável amigo Mia Couto, outro colecionador de questões insólitas.

José Eduardo Agualusa, homem que faz do Atlântico seu caminho, da história e da invenção sua profissão e da descoberta de lugares seu magistério. Na sua biografia, ao que podemos constatar, é um homem que se adéqua muito bem ao que ele gosta de citar em seus romances como sendo a fugidia situação de um caminhante: “Lembrei-me, enquanto me estendia na cama, de uma frase chave do primeiro romance de Chico Buarque, Estorvo: ‘Sinto que, ao cruzar a cancela, não estarei entrando em nenhum lugar, mas saindo de todos os outros’ (AGUALUSA, 2010a, p. 67). É justamente esse sentido de fluidez nas suas passagens, no não pertencimento que elas insistentemente sugerem, que tentaremos nessas linhas perceber este escritor. Como um homem que está no limite da fronteira discursiva e da espacial mesmo, onde parece valorar mais a ideia de sair, de não pertencer, do

que propriamente a ideia de se estabelecer em algum lugar. Deixemos que ele mesmo diga:

Identidade: não tem a ver com o lugar onde nascemos, pois no céu tudo é movimento, e sim com os lugares por onde passamos. Identidade é o que a viagem faz de nós enquanto continua. Só os mortos, os que deixaram de viajar, possuem uma identidade bem definida. (AGUALUSA, 2013, p. 54).

E se para ele “identificar-se” carrega em si um processo de fluidez, necessário e constante, não podemos nos eximir de adotar a já bem velha metáfora das “águas (lusas?)” para assim prosseguirmos em busca dos sentidos que rondam o sujeito em tela, sobretudo na referência ao seu romance *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*.

2. Águas

A despeito disso, o roteiro descrito logo ao começo da introdução poderia muito bem ser interpretado como sendo parte dos caminhos traçados por um navegante do século XVI, no afã de conhecimento do “mundo novo”. De fato, as características são aparentadas. No contexto, por exemplo, da administração portuguesa de suas colônias, há a experiência extraordinária de se colocar pessoas em trânsito constante com as mais variadas partes do mundo, sujeitos que expandem suas percepções de local para global, para um mundo que, não obstante longe e diferente, passível de ser alcançado. É a mesma noção dos “mundos misturados” proposta por Serge Gruzinski (2001) no caso da Monarquia Católica. Um mundo que agora só poderá ser mais amplamente explicado a partir de uma perspectiva Atlântica, de que as lógicas internas dos continentes não dão mais conta de explicarem-se a partir de então.

Mas não estamos falando de um navegante do século XVI, estamos falando de um sujeito proveniente das condições históricas da segunda metade do século XX. Um literato angolano que, com sua obra, abarca uma quantidade enorme de

locais e datas, que circula por uma infinidade de lugares e faz destes lugares cenários e temáticas da sua produção. Podemos, a preceito teórico e de norteamento da discussão, aproximar o que falamos sobre Agualusa nesse texto do que propõe Paul Gilroy (2001) sobre o Atlântico Negro, dizendo que, em grande parte, a percepção de Agualusa, especialmente sobre Angola, é diretamente articulada ao caminho por sobre o Atlântico, que é a partir do Mar de contatos que se pode explicar um lugar, um espaço que se busca representar. Que esse tapete de rotas por sobre águas é tanto cenário marcante de atrocidades no tráfico escravo, como também ponto que marca duplas consciências, consciências múltiplas. O mar, então, toma uma posição central na obra de Agualusa, o que até pode fazer trocadilho com seu nome, que remete a “águas lusas”. Paul Gilroy ainda serve para percebermos que a “relação com o mar pode mostrar-se particularmente importante tanto para a política como para a poética do mundo atlântico negro” (GILROY, 2001, p. 52). Ou seja, o Atlântico é, sobretudo, cenário de várias dinâmicas que influenciam e moldam sujeitos. Agualusa é também fruto dessas dinâmicas e só pode ser bem analisado a partir dessa perspectiva transnacional. O atlântico de Agualusa é um mar de letras.

Fica, então, a ideia de que se passa com Agualusa algo muito próximo com o defendido também por Stuart Hall, no ponto em que este propõe, de forma até bastante parecida com a de Paul Gilroy, serem os deslocamentos e a diáspora promovedores de identidades múltiplas (HALL, 2003). Nesse sentido, é, em primeiro lugar, a obra de Agualusa que faz tal movimento, onde seus personagens fazem essa rota de multiplicidade. Em segundo lugar, é o próprio Agualusa, enquanto sujeito, que se pode estudar como sendo um representante desse mesmo movimento.

Quando pensamos nesse literato de fina matéria o que primeiro embaça é sua condição deslizante pelas caracterizações que pensamos impor-lhe. Não é fácil definir este senhor porque a todo o momento as assertivas parecem fugidias e ele próprio parece trabalhar a sua imagem nesse sentido. É um sujeito contraditório e até um pouco excêntrico. Sua formação acadêmica, só para citar um exemplo dessa

“excentricidade”, se deu em Agronomia e Silvicultura no Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa, o que em se tratando de um literato mundialmente traduzido e conhecido, não é lá muito comum. Mas a formação acadêmica não pareceu influir na sua característica de “narrador profissional de sonhos”, como gosta de se identificar.

A primeira discussão, aqui, portanto, é uma tentativa de situar o Sujeito Agualusa, sempre em consonância direta com seus escritos, para que, depois, possamos tecer análises mais profundas a respeito de sua escrita nas suas motivações, sucessos e polêmicas. Um itinerário louco, uma falta de fronteiras ao sujeito, é a inspiração máxima de sua obra, essa também sem limites geográficos ou temporais assentados. É cosmopolita sua vida e sua obra, não podemos negar. Obra e vida se retroalimentando, fazendo surgir enredos ferozes ambientados nem na chegada e nem exatamente no local de partida, mas no trânsito. A obra de José Eduardo Agualusa é representante de um homem, de uma história (no caso, a história angolana que ele tenta retratar) e de uma língua. Representações estas que não se contentam com as fronteiras e nem podem ser entendidas, nenhuma das três, dentro delas. É justamente isso que nos propomos a analisar de agora em diante.

3. Fronteiras

A ideia de transitoriedade e da inexistência de limites fixados em fronteiras não é algo gratuito na obra do angolano. Trata-se, ao contrário, de um projeto bem definido. Não é de graça, por exemplo, que, já tendo dado luz a alguns reconhecidos romances envolvendo estas questões, ele publique, em 1999, uma coletânea de contos significativamente chamada de *Fronteiras Perdidas* (AGUALUSA, 1999a), sobre roteiros em muito parecidos com os seus. Ou mesmo que, em um conto muito conhecido, já alguns anos depois, coloque em destaque que “não há mais lugar de origem” (AGUALUSA, 2009a, pp. 103-107). Nem é fruto de descuido ou simples aleatoriedade o fato de que a imensa maioria de seus personagens sejam

sujeitos em trânsito, homens e mulheres, reais ou imaginados, que fazem das estradas suas casas, que, de tanto andar, já não têm um “lugar de origem”.

Notadamente, não conseguiremos, nestas poucas linhas, fazer uma análise geral e tampouco suficientemente profunda de todos os escritos do autor no intuito de perceber a presença dessa transitoriedade e de como ela é um reflexo da existência dele mesmo. Mas, ainda assim, selecionando, outra vez monocraticamente, algumas das obras do autor que são extremamente significativas para a questão, onde buscamos perceber a dimensão da problemática e o interesse dispensado a ela em tais escritos.

Cabe também notar, a despeito de localização da discussão, que, como argumentado em monografia (BORGES, 2019), o esforço de Agualusa é em traçar um escrito que, embora ficcional, tenha um grande compasso histórico na compreensão de Angola. Ele, no entanto, não define uma temporalidade específica para fazer isso. Aborda desde o contexto de fim da escravatura no Brasil e, conseqüentemente, dos últimos tumbeiros de tráfico que tem Angola como porta de saída em *Nação Crioula* (2001), perpassa por intenções de revoltas nacionalistas em Angola ainda no começo do século XX em *A Conjura* (2009b), reflete as reminiscências do passado português em *Teoria Geral do Esquecimento* (2012) e, sobretudo, passeia pela luta independentista angolana nas suas várias fases e seus resultados, em quantidade sugestiva de suas obras, como *Estação das chuvas* (2010b), *O vendedor de passados* (2004) e *Barroco Tropical* (2009c). Só para citar alguns exemplos da gama tão diversa de questões presentes nos seus romances. Todos eles, porém, tem um plano de fundo bem definido: a cortina da memória. O uso do passado feito por ele vai além da simples narração de um fato imaginado em um tempo passado, mas, como o fazer de historiador, costura datas e fatos verídicos, monta um jogo em que personagens fictícios interagem com vidas de personagens históricos importantes, constrói sua narrativa numa tentativa de historiar talvez não fatos, mas questões mais gerais, colocar em pauta questões ainda controversas naquele país. É, sobretudo, um questionamento do passado. E nessa perspectiva de um

questionador constante do que se passou, Agualusa faz surgir esse leque extremamente longo de questões, postas em vários momentos da história angolana.

Mas, para além disso, a questão que nos interessa efetivamente nas linhas deste artigo é como estas problemáticas estão situadas não somente dentro dos limites territoriais de Angola. Como Agualusa não propõe compreender Angola, questionar seus pretéritos, somente a partir dela mesma, mas tentando estabelecer elos constantes com outras partes do globo. Nas suas mais diversas obras, ele parece bradar - embora bem camuflado numa narrativa ofuscante - a existência de um “mais além” em todas as problemáticas. Um “mais além” temporal, por isso o apego ao passado; e um “mais além” espacial, ponto que coloca a ele mesmo como um sujeito imperativamente atraído pelos descaminhos geográficos do mundo. O sujeito Agualusa é marcadamente um homem que propõe uma obra sem “lugares” bem definidos e, sobretudo, um homem que se julga como sendo do mundo, como não carregando uma identidade definível. Portador aparente das *fronteiras vacilantes* (sobretudo culturais e territoriais) que Homi Bhabha (1998) postula, é nesse vacilo que ele trabalha um movimento de construção de si mesmo a partir dos seus escritos, e seus novos escritos a partir da sua nova condição. Narrativa e experiência de não pertencimento se retroalimentando.

Se tivéssemos de estabelecer um marco inicial em sua obra que proclama o “mais além” de todo processo, de toda narrativa, do que está para além da marcação definida, este certamente estaria no livro *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*. Quando esse “relato de viagem” em forma de romance epistolar é publicado nos idos 1997, já haviam saído de Agualusa *A Conjura* em 1989 e *Estação das Chuvas* em 1996. Ele é, no entanto, uma marcação apropriada pelo apego a uma narrativa multicontinental tomada pelo “Atlântico Negro”, pela tomada de um sujeito personagem bastante significativo para se pensar a experiência do próprio Agualusa. Esse sujeito trata-se de Fradique Mendes, pseudônimo coletivo português, personagem cristalizado na caneta de Eça de Queiroz (1952), uma das grandes referências de Agualusa. Trata-se, então, de uma apropriação de Agualusa, uma

tomada sua do pseudônimo para narrar sua história, uma continuação. Interessa perceber que, à revelia do sujeito que sempre está a descobrir o “novo”, Agualusa aqui assume um papel de continuador da Narrativa de Eça de Queiroz por ela estar de acordo com o que parece ser seu projeto principal: perceber Angola na dinâmica grotesca do mundo. O Fradique Mendes do Eça, os caros leitores irão lembrar, trata-se de um sujeito que, não se contentando com sua condição, lança-se ao mundo no intuito de conhecer, de aprender. Trata-se de um descobridor. Um homem que “transformava-se em cidadão das cidades que visitava” (QUEIROZ, 1952, p. 66). O Fradique Mendes continuado por José Eduardo Agualusa descobre Angola no derrocar do tráfico escravagista. Vive um itinerário de saído da Europa e viajado pelo mundo, chegando a Angola e desenrolando seus infortúnios até ir para o Brasil, conspirar junto aos abolicionistas da segunda metade do famigerado século XIX. Este Fradique, seguindo a metáfora dos navios encarada por tantos estudiosos de hoje como retrato do “trânsito”, se lança ao mar em um deles, na travessia do Atlântico até o Brasil. É um sujeito – fictício, sobretudo – que já acostumado as suas andanças pelo mundo sabe em que contexto está se movimentando, conhece o roteiro das águas:

Chama-se Nação Crioula o brigue de Arcénio de Carpo. Diz ele, para me consolar, que o Nação Crioula é muito possivelmente o último navio negreiro da História. Parece-me um duvidoso privilégio este de viajar no último navio negreiro, mas enfim, é realmente verdade que não temos escolha. (AGUALUSA, 2001, p. 36)

Este sujeito é, então, a personificação do sujeito consciente da transitoriedade de sua vida e das dinâmicas de sua época. Coisa que Agualusa, em sua escrita, também deseja para si. É, sobretudo, o aventureiro, o que está sempre em busca do novo e por isso mesmo não pode se prender a um ideal, a uma identidade, a uma nação.

Ressurgido por meio da obra de Agualusa, Fradique é um sujeito que busca emoções, procura entender novas culturas e transcende não só as fronteiras geográficas, mas também ultrapassa os universos diegéticos. Ele presencia e reflete sobre os acontecimentos do século XIX: o colonialismo em Angola, a escravidão no Brasil e o tráfico negreiro entre esses países. (GOMES, 2015, p. 113)

Isto implica, então, em nossa narrativa que, se este não é o ponto inicial a partir do qual Agualusa passa a perceber a história angolana em consonância com uma perspectiva de interatividade constante, com espaços extremamente distintos, pelo menos é o momento em que isso aparece em sua obra e não sai mais. Talvez seja mesmo aqui o ponto crucial em que Agualusa toma para si o feito de Fradique Mendes, onde ele passa a jogar sobre si mesmo os discursos de um viajante, de um homem apaixonado por descobrir, que não carrega efetivamente uma identidade. Fradique, como ele põe para si mesmo, é um heterônimo coletivo e em si mesmo um sujeito fugidio culturalmente fragmentado. Em um trecho do livro *O Vendedor de Passados*, o personagem principal reflete que “Eça foi o meu primeiro berço” (AGUALUSA, 2004, p. 25). Nós, sabendo da influência que a obra do escritor português tem sob Agualusa, como ele mesmo lista e exalta em várias entrevistas (AGUALUSA, 2017a), refletimos, então, que o Fradique Mendes de Eça, traduzido, em alguns termos, num Fradique dele mesmo, acabou por confundir-se com sua condição ou pretensão de sujeito com identidades flutuantes. Em outras palavras, a narrativa sobre o homem de passagem que lhe é atribuída e auto atribuída surge a partir da inspiração de Fradique.

Neste caso, podemos ter um ponto de partida. Um momento em que na sua obra surge uma aspiração de completo não pertencimento e, depois, passa a fazer parte dos discursos a respeito da sua própria pessoa. Cabe algumas palavras sobre este ponto de auto atribuição, e podemos encontrar inspiração para elas numa pequena descrição sua, quando tenta responder quem é o sujeito Agualusa:

Quem eu sou não ocupa muitas palavras: angolano em viagem, quase sem raça. Gosto do mar, de um céu em fogo ao fim da tarde. Nasci nas terras altas. Quero morrer em Benguela, como alternativa pode ser Olinda, no Nordeste do Brasil. (AGUALUSA, 1999b, pp. 362-363)

A noção de viajante, de um cosmopolita em si mesmo e de não pertencimento a uma raça são significativas. Em tese, temos um homem sem nacionalidade e sem identidade definida. Temos um passante. Esta seria uma ideia até singela se não fosse posta com tanto afinco, nesse e em outros momentos, pelo

próprio autor. Isto porque, à revelia de todos estes afloramentos em torno de uma imagem tão bela de transitoriedade, temos um indivíduo que ainda põe a si mesmo como “angolano”. Se levarmos em consideração que esta ideia de “nacionalidade” implica pertencimento, então sequer poderíamos estar considerando tão seguramente o literato como “angolano”. Ele não tem necessariamente uma ascendência angolana (pais estrangeiros), não tem uma vida fixada de vários anos no país, além dos poucos da mocidade, não tem residência fixada nesse lugar, sua obra pouco circula no país, pois as editoras que o publicam são eminentemente portuguesas ou brasileiras. Mas ele, ainda assim, colocando a sua condição de passante, destaca um ponto de identificação como angolano. Entretanto, em termos oficiais,

é interessante notar que Agualusa em algum momento precisou optar pela nacionalidade angolana, já que ter nascido em Angola no período colonial tornava-o cidadão português. Também alguns dos seus personagens ficam divididos entre duas nacionalidades e são levados, por vezes, a optar por uma nacionalidade diferente daquela que lhes foi atribuída ao nascimento, indicando que o sentido de identidade, tanto quanto o de nação, decorre de uma “construção social”. Em outros termos, isto faz com que identidade e nação se constituam como conceitos móveis, passíveis de serem articulados em diferentes instâncias, segundo diferentes interesses e necessidades dos indivíduos e dos grupos (GRANJA, 2009, p. 22).

Neste caso, a ideia de identificação por Agualusa está aqui muito mais ligada à sua obra do que à sua vivência. Como seus escritos versam sobre Angola, ou se não, pelo menos tendo Angola como propulsão, o autor tende a enxergar-se a partir de suas narrativas. É, sobretudo, um elemento subjetivado por ele, que ao mesmo tempo em que é um sujeito do mundo, tem seu ponto de referência naquele país. “Mas voltar para onde?” Perguntamos isso anteriormente. Depois de percorrido o mundo, na realidade e na ficção, para onde voltar? Para casa, para o local que se conta como o ponto de partida de tudo, que abarca a tudo. E Agualusa sempre volta, mas não na materialidade de sua existência, ele volta para Angola a partir de sua narrativa. É ao colocá-la no papel que se sente o mais “puro” dos angolanos. Talvez só dessa forma mesmo o consiga. Agualusa é angolano enquanto escreve.

E assim sendo, é imperativo que se pense nos Paradoxos da Autoconsciência de Jorge Larrosa, no sentido de que toda forma de dizer-se é um constructo narrativo (LAROSSA, 2015). É a partir daqui que surge o intento de referir a Agualusa uma identidade Narrativa, visto que:

(...) nossa própria existência não pode ser separada do modo pelo qual podemos nos dar conta de nós mesmos. É contando nossas próprias histórias que damos, a nós mesmo, uma identidade. Reconhecemo-nos, a nós mesmos, nas histórias que contamos sobre nós mesmos. E é pequena a diferença se essas histórias são verdadeiras ou falsas, tanto a ficção, como a história verificável, nos provém de uma identidade (RICOEUR, 1985, p. 203, tradução nossa).

Mas, se há uma “aspiração de Fradique” e uma confusão de identidade no sujeito, não podemos negar que o motor da obra do Angolano é estabelecer elos de compreensão do que foi e do que é a Angola de seu tempo. Não seria exagero reafirmar que Agualusa imprime na totalidade da sua obra a noção de que esse entendimento da constituição de Angola só pode se dar a partir da compreensão dela em suas relações com o restante do mundo, seja na referência aos comuns domínios portugueses de outrora, seja no contexto da Guerra Fria onde se deu a independência angolana, nos idos anos de 1975. Esse esforço, é também importante se perceber, não é uma característica apenas sua, mas, sobretudo, sua. Outros literatos, também no intuito de “inventar” a história de Angola, de dar sua versão meio fictícia, meio histórica, privilegiam projetos ambiciosos, mas internos. De compreender Angola a partir dela mesma, ou seja, da fatia que julgam, espacial e temporalmente, pertencente ao domínio angolano. Um grande expoente aqui, podemos citar, é o caso de Pepetela, outro dos grandes representantes contemporâneos de peso na literatura angolana. O mesmo privilegia uma interpretação a partir das tradições e dos acontecimentos internos do território sem estabelecer vínculos fortes a um contexto mundial.

Não nos enganemos, entretanto, e percebamos que contar a história a partir de si mesmo, do seu lugar, carrega um cunho político muito forte. Tomando, então, Pepetela na discussão, dando como justificativa para isso o fato de ser ele outro grande expoente na literatura angolana, também nutridor do projeto de se fazer uma

“literatura de arquivo”, mas em percepção o oposto de Agualusa. Entender um pelo seu contrário. No caso deste branco senhor natural de Benguela, também membro da União dos Escritores Angolanos, como Agualusa, reconhecido por muitas obras, sobretudo pelo seu clássico *Mayombe* (PEPETELA, 2013), o esforço literário coadunado com a referência histórica é, sobremaneira, voltado para o entendimento de questões “nacionais”, a partir da compreensão das dinâmicas locais. Citando alguns casos, podemos perceber este forte aspecto mesmo em *Mayombe*, um relato da luta revolucionária pela libertação de Angola, proposto sobremaneira em uma reflexão sobre a dinâmica dos guerrilheiros daqueles dias, dos quais o próprio Pepetela fazia parte, e também sobre a constituição política do MPLA.²

Neste caso a dinâmica local é explícita. Embora o enredo se passe no contexto da Guerra Fria, onde o mundo, ainda que bipolarizado se explicava somente a partir dessas relações dispersas pelo globo. É nesse interim, por exemplo, que o apoio cubano no estabelecimento do governo do MPLA em Angola é sugestivo de uma lógica de relações que estão para além do local, do nacional, embora Pepetela mesmo que não negue, omite uma atenção mais minuciosa a questão. O Movimento Popular de Libertação de Angola, aliás, serve para postularmos, ainda aqui, algo que é marcante na diferença dos dois literatos. Constituindo-se como uma organização de guerrilha revolucionária surgida nas enfiervescências da luta de libertação, é também ele, convertido em partido político, que em 1975 com a independência declarada, toma o poder em Angola sob a histórica liderança de Agostinho Neto. Muitos dos guerrilheiros de outrora passarão, então, aos quadros do governo. Pepetela, tendo sido integrante ativo do movimento desde muito cedo, vê-se alinhado então ao poder político de Angola após 1975, exercendo cargos importantes, inclusive de governante. A título de contraste,

² Tratando-se do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que se constituiu como um dos principais grupos de guerrilha quando da luta pela libertação de Angola durante a década de 1960 e primeira parte da década de 70. Sagra-se como grupo político vencedor ao chegar ao poder do país libertado sob a histórica liderança de Agostinho Neto, primeiro presidente do país em 1975. Sobre as dinâmicas e contradições envolvendo essa importante parte da história angolana ver (PEPETELA, 2013) e (BITTENCOURT, 2008).

Agualusa faz o caminho inverso. Não luta efetivamente pela libertação – lembremos que nesse contexto ele ainda é bem jovem – e tão logo toma notoriedade como escritor, adquire fortes aversões recíprocas com o Movimento, resultando em sua forte militância como opositor até a atualidade, sendo ainda o MPLA partido que dirige Angola.

Ou mesmo a despeito dessas polêmicas, mas ainda tratando do apego local nos escritos de Pepetela, podemos citar um romance seu menos conhecido do público, mas que carrega outra característica muito forte de sua escrita, que é a referência à tradição. Trata-se de *Lueji: o nascimento de um império* (PEPETELA, 2015), onde o autor, num movimento de vai-e-vem entre passado e presente, estabelece relações entre a Angola das tradições do passado e a Angola moderna, herdeira e obrigada a recordar desse passado. No caso, o que temos em Pepetela é muito diverso do que temos em Agualusa. Os dois maiores nomes da literatura angolana contemporânea, com o mesmo apreço pelo passado em seus escritos e, ao mesmo, tão diferentes. O que há aqui é uma diferença de perspectiva. Enquanto um olha para o local o outro tenta ver o mais global possível e isso claramente tem muito a ver com a forma pela qual estes sujeitos enxergam suas condições de existência, seja apregoado a ideais de permanência ou de transitoriedade que igualmente implicam nas apreciações de local e global de suas escritas..

Daí surge todo um leque de outras questões, mas como estamos nos propondo, expliquemos o que essa diferença na escrita efetivamente traz de tão marcante nesses dois. O primeiro ponto é que Pepetela não toma para si estes ideais de sujeito transitório como faz Agualusa. Ele está bem situado, escreve efetivamente no e sobre “seu” lugar. Politicamente, ele exerce, por exemplo, cargos importantes junto do governo ao qual está alinhado, ao passo que Agualusa é um opositor, um dissidente que não poupa severas críticas ao governo estabelecido em Angola desde a independência. Um se vê, ao lançar as garras sobre sua caneta, em uma posição fixa, ao passo que o outro talvez nem tenha consciência da sua condição. Um, portanto, tende sempre a uma escrita nacionalista, em que o passado, na literatura,

ajuda a cristalizar a ideia. O outro é um homem que se julga do mundo e não de uma nação, tendendo sempre para a fragmentação constante.

A literatura de Agualusa tenta, então, compreender a história de Angola, mas sem esse cunho nacionalista, porque, sobremaneira, Agualusa não tem como falar por um nacionalista. Na ideia clássica, nacionalismo implica pertencimento. Pelos seus escritos, pela sua trajetória e pelas suas falas públicas, fica difícil imaginar Agualusa como efetivamente pertencendo a algum “lugar”. Se assim fosse, sua vinculação mais forte e duradoura talvez estivesse no domínio dos sonhos. Embora esse não seja exatamente um lugar (espaço), o apego ao sonho pode ser aqui visto pela ótica desse ideal de indefinição do autor. O “escrevo porque sonho” ou os “sonhos fazem parte do meu ofício. Minha relação com eles é, de certa forma, profissional” (AGUALUSA, 2017b). Não surpreende, então, que a metáfora dos sonhos seja a preferida do autor, já que, em se tratando de lugares sem fronteiras, o sonhar seja a melhor maneira de retratação do mundo.

Se não nos fizemos entender nos últimos parágrafos, basta então acrescentar este como uma desforra da questão. A ideia trazida nesse redemoinho vem a partir de um impertinente questionamento: se Agualusa escreve sobre Angola e não atinge seu sucesso pelos mesmos meios de Pepetela, pois negado a característica básica de sua escrita, o que ele ganha, ou como ele ganha, aprimorando em torno de si mesmo um discurso universalista em vez de nacionalista? Buscamos, então, responder sobre o que leva Agualusa a defender com tanto afincos sua posição de sem fronteiras, sem raça, sem identidade definida.

4. Palavras (conclusão)

Lembramos que estamos tratando a literatura de Agualusa como eminentemente angolana porque versa sobre Angola, em um nível ou em outro. É importante lembrar disso porque uma resposta a questão já foi colocada anteriormente, ela diz respeito ao fato de, por Agualusa tentar perceber a história

angolana como uma história conectada, tudo o mais que rodeia a sua escrita estará posta em correlação com essa situação de transitoriedade. Mas ainda não é suficiente.

Em vez do simples contentamento com a proposição e mesmo fugindo do risco de cairmos em simples elogio, evidencia-se outra característica de Agualusa que é caracterizadora: ele é um escritor comercial. Essa constatação não é de modo incisivo uma novidade, o mesmo destaca, em vários momentos, o mote da sua profissão, que é necessariamente “vender livros”. E isto ele faz muito bem. Com mais de três dezenas de livros publicados e traduzido para outras mais de 30 línguas, como consta em seu site oficial,³ Agualusa exerce bem a profissão de um “vendedor”. Ao contrário de seu grande amigo e parceiro de projetos, Mia Couto, que exerce concomitante a prática da escrita a função de professor universitário, Agualusa existe para escrever, e escreve para subsistir. Em entrevista ao lado do amigo moçambicano, Agualusa reafirma sua prática de sempre estar trabalhando em algum projeto literário: “ao contrário do Mia eu só escrevo e, portanto, é importante para mim quando acabo um livro ter outros projetos” (AGUALUSA, 2014). A característica comercial da sua profissão, então, é clara, inclusive é esse um dos motivos destacados por ele para ser um sujeito em constante trânsito (espacial), para divulgar sua obra, percorrendo o mundo para divulgar seu trabalho. Mas essa peregrinação pelo globo não só se dá depois de a obra produzida para ser divulgada, ela acontece ainda no próprio ato de fazer das narrativas projetos mais globais e a si mesmo um homem mais global. Pode-se perceber estas coisas como simples fatalidade, umas coisas implicando as outras, sem necessariamente um link de causalidade. Gostaríamos, entretanto, de ressaltar que pode ser mais interessante para esse vendedor de livros ser conhecido “fora”, ser traduzido, ganhar prêmios, para êxito ao seu ofício de “vender”. E isso se dá de maneira mais dinâmica na medida em que ele e sua obra são percebidos como cosmopolitas, mais universais,

³ Site oficial de José Eduardo Agualusa. Disponível em < <https://www.agualusa.pt/cat.php?catid=27> >. Acesso em junho de 2019.

que trata muitas vezes de questões nacionais sem perder o olho da observação de contextos mais amplos.

Não estamos querendo dizer que Agualusa é um simples capitalista para com sua produção e constrói seu mundo apenas com esse fim. Estamos querendo dizer que ele também é isso: um capitalista que consegue extrapolar os limites de Angola com suas letras. E que deixar de perceber esse ponto é negligenciar as formas pelas quais uma rica literatura africana de expressão portuguesa está sendo solidificada e exportada. Talvez os mais significativos êxitos desse “angolano” em sua guinada de traduções pelo mundo todo, sejam justamente ter transposto uma das fronteiras mais difíceis e preconceituosas que existem: as fronteiras do pensamento.

Havemos ainda de lembrar que o menino que nasce em Huambo e deseja extrapolar os limites do mundo é, sobretudo, um homem marcado por seu tempo. Nasce em 1960, como já dito, no mesmo ano em que começam as movimentações nacionalistas pela independência de Angola. Sua infância é vivida num contraste de incertezas e, quando finalmente se dá a independência em 1975, é quase ao mesmo tempo, alguns poucos anos antes, para maior iniquidade, em que ele zarpa para sua experiência de não pertença, a começar pelo coração do antigo colonizador, a Lisboa de Portugal. São também estes contrastes que dão um certo sabor a sua obra. Do que está escrito e das andanças do autor por um mundo que ele insiste em gravar no papel.

O sujeito Agualusa não é só isto que foi exposto. Ele é bem mais interessante e contraditório do que pudemos explanar nestas linhas. Esperamos, entretanto, ter lançado bases a partir de uma “caricatura” desse sujeito e dos possíveis da sua narrativa de trânsito, da partida e da chegada, que logo se transforma em nova partida e em nova chegada, característica marcante de seus personagens e de si mesmo, uma narrativa de “espelho côncavo”, que não é a simples e completa exposição de si nos seus personagens, mas um ensaio desse

movimento. Por assim dizer um registro. Não podendo se encaixar nas clássicas noções de escrita de si (FOUCAULT, 1992, pp. 129-160), o que se vislumbra é a escrita da condição de existência a que está sujeito, essa não sendo exclusiva sua, mas partilhada por inúmeros homens e mulheres do seu mundo e do seu tempo.

Pode estar surpreendido o caro leitor no fato de até esse momento, na tessitura do texto, não ter havida a explícita citação de Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006), texto base para pensar todas essas questões na contemporaneidade. Se assim não foi feito até o dado momento é porque entendemos que a condição de sujeito na qual desenhamos (ou tentamos desenhar) Agualusa não é nada mais do que um exemplo prático da fragmentação das identidades proposta pelo autor (HALL, 2006). Nesse sentido, o sujeito fragmentado culturalmente, narrativamente sujeito a construções de si e da sua história com marcos que são transitórios e nunca fixos, é o que se pode observar com mais nitidez na obra de Agualusa, isto a luz de sua própria experiência pessoal.

Deriva disso o fato de as espacialidades em que transita também serem tão fugidias à análise, sobretudo se levarmos a cabo a velha assertiva de espaço como “lugar praticado”, de Certeau (2008). A espacialidade “física”, nos termos de prática territorial, fica solapada na espacialidade narrativa. Tudo isso faz parte, então, da constituição narrativa desse sujeito feita por ele mesmo.

Longe de querermos encerrar uma discussão, o que colocamos aqui é mais um exemplo, mais um debate para o motor incessante e necessário do pensamento.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. *A Conjura*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2009b.

AGUALUSA, José Eduardo. *A vida no céu*. Lisboa: Quetzal, 2013.

AGUALUSA, José Eduardo. *Barroco tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009c.

AGUALUSA, José Eduardo. *Estação das chuvas*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010b.

AGUALUSA, José Eduardo. Entrevista concedida a Denise Rozário. In: ROZÁRIO, Denise. *Palavra de poeta*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999b. p. 362-363.

AGUALUSA, José Eduardo. Escrever continua a ser um deslumbramento. Entrevista ao Wookacontece. Disponível em < https://www.wook.pt/wookacontece/novidades/noticia/ver/agualusa-escrever-continua-a-ser-um-deslumbramento-video/?id=140826&langid=1&utm_source=wook&utm_medium=wook-link&utm_campaign=pagina-autor-entrevista-exclusiva >. 2017a. Acesso em Junho de 2019.

AGUALUSA, José Eduardo. *Fronteiras perdidas*. Lisboa: D. Quixote, 1999a.

AGUALUSA, José Eduardo. Mar de Letras. In: Entrevista concedida a Mário Carneiro. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=3J2zbbux8mY> >. 2014. Acesso em junho de 2019.

AGUALUSA, José Eduardo. *Nação crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

AGUALUSA, José Eduardo. Não há mais lugar de origem. In: ____ *Manual prático de levitação*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2009a. p. 103-107.

AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

AGUALUSA, José Eduardo. *Teoria geral do esquecimento*. Rio de Janeiro: Foz, 2012.

AGUALUSA, José Eduardo. Um sonhador profissional. Entrevista concedida a Daniel Oliveira. Disponível em < <https://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/um-sonhador-profissional-1.1500661> >. 2017b. Acesso em junho de 2019.

AGUALUSA, José Eduardo. *Um estranho em Goa*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2010a.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BITTENCOURT, Marcelo. *Estamos juntos! O MPLA e a luta anticolonial (1961-1974)*. Luanda: Kilombelombe, 2008. 2 v.

BORGES, W.C. “*O passado é um rio que dorme e a memória uma mentira multiforme*”: José Eduardo Agualusa e a invenção da história angolana. 2019. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos-PI, 2019.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 e 2. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992. pp. 129-160.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*. São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOMES, Geam Karlo. Identidade em trânsito: a experiência diaspórica em Nação crioula. *Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas*. Rio de Janeiro, v. 16, n. 27, p. 107-122. jul./dez. 2015. p. 113.

GRANJA, Sofia Helena Vasconcelos. *As teias da palavra: análise das estratégias de desconstrução do discurso de nacionalidade na obra de José Eduardo Agualusa*. 2009. Dissertação (mestrado em letras) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories. In: *Topoi: Revista de História*. V. 2, p. 175-195. 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALL, Stuart. *Da Diáspora – Identidade e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, DF: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

LARROSA, Jorge. Os paradoxos da autoconsciência. In: *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

PEPETELA. *Mayombe*. Rio de Janeiro: LeYa, 2013.

PEPETELA. *Lueji: o nascimento de um império*. Rio de Janeiro: LeYa, 2015.

QUEIROZ, Eça de. *A correspondência de Fradique Mendes*. Porto: Lello e Irmão editores, 1952.

RICOEUR, Paul. *Temps et récit*. Vol. 3. Paris: Seuil, 1985.